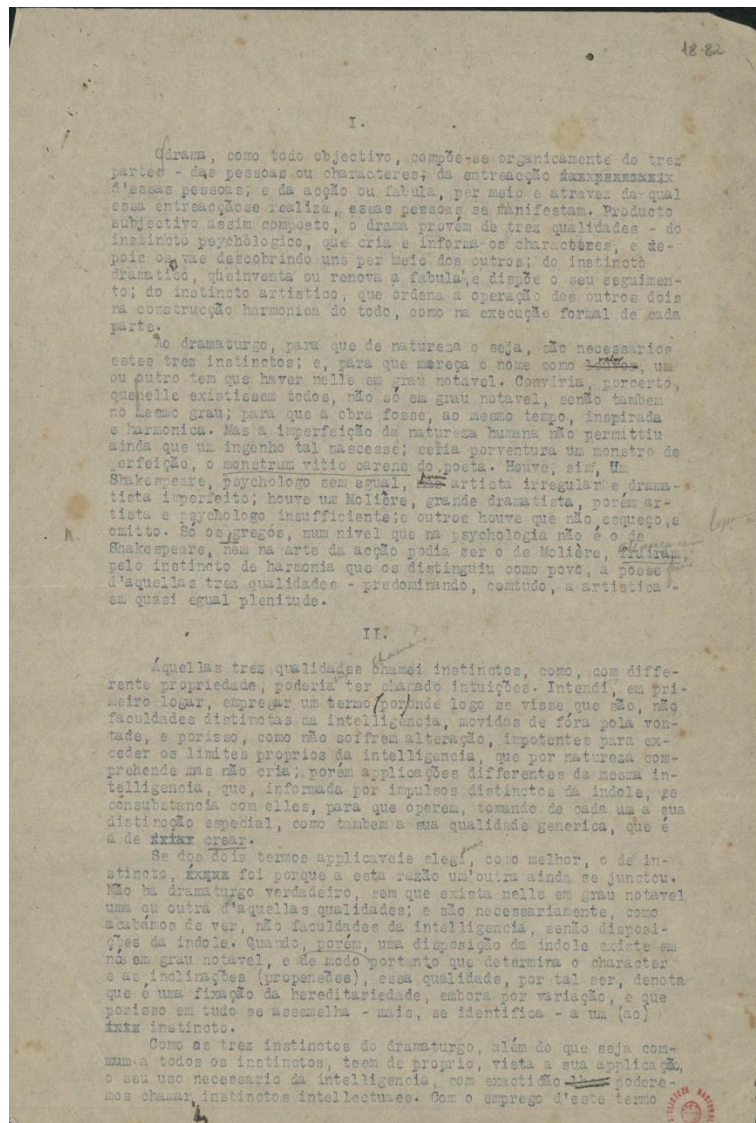




I.

O drama, como todo objectivo, compõe-se organicamente de trez partes - das pessoas ou characteres; da entreacção ~~das pessoas~~, d'essas pessoas; e da acção ou fabula, per meio e atravez da qual essa entreacção se realiza, essas pessoas se manifestam. Producto subjectivo assim composto, o drama provém de trez qualidades - do instincto psychologico, que cria e informa os characteres, e depois os vae descobrindo uns per meio dos outros; do instincto dramatico, que inventa ou renova a fabula, e dispõe o seu seguimento; do instincto artistico, que ordena a operação dos outros dois na construcção harmonica do todo, como na execução formal de cada parte.

Ao dramaturgo, para que de natureza o seja, são necessarios estes trez instinctos; e, para que mereça o nome como ~~leu~~ valor, um ou outro tem que haver nelle em grau notavel. Conviria, porcerto, que nelle existissem todos, não só em grau notavel, senão tambem no mesmo grau; para que a obra fosse, ao mesmo tempo, inspirada e harmonica. Mas a imperfeição da natureza não permittiu ainda que um ingenho tal nascesse; seria porventura um monstro de perfeição, o *monstrum vitio carens* do poeta. Houve, sim, um Shakespeare, psychologo sem igual, ~~mas~~ porém artista irregular e dramata imperfeito; houve um Molière, grande dramata, porém artista e psychologo insufficiente; e outros houve que não esqueço, e omitto. Só os gregos, num nivel que na psychologia não é o de Shakespeare, nem na arte da acção podia ser o de Molière, fruíram ^{/alcançaram\ /logram\}, pelo instincto de harmonia que os distinguiu como povo, a posse pura d'aquellas trez qualidades - predominando, comtudo, a artistica - em quasi igual plenitude.

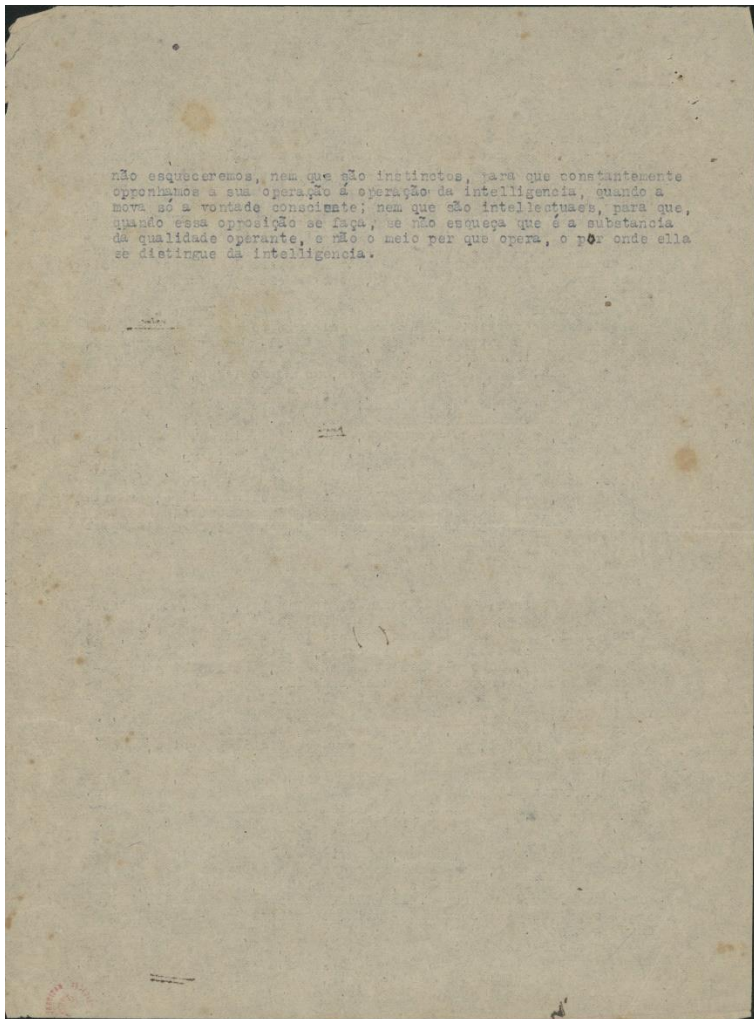
II.

Áquellas trez qualidades chamei ^{/chamamos\} instinctos, como, com differente propriedade, poderia ^{/mos\} ter chamado intuições. Intendi ^{/emos\}, em primeiro lugar, empregar um termo ^{/por\} onde logo se visse que são, não faculdades distinctas da intelligencia, movidas de fóra pola vontade, e porisso, como não soffrem alteração, impotentes para exceder os limites proprios da intelligencia, que por natureza comprehende mas não cria; porém applicações differentes da mesma intelligencia, que, informada por impulsos distinctos da indole, se consubstancia com elles, para que operem, tomando de cada um a sua distincção especial, como tambem a sua qualidade generica, que é a de ~~criar~~ ^{criar} crear.

Se dos dois termos applicaveis elegi ^{/emos\}, como melhor, o de instincto, ~~é que~~ foi porque a esta razão um'outra ainda se junctou. Não ha dramaturgo verdadeiro, sem que exista nelle em grau notavel uma ou outra d'aquellas qualidades; e são necessariamente, como acabámos de ver, não faculdades da intelligencia, senão disposições da indole. Quando, porém, uma disposição da indole existe em nós em grau notavel, e portanto de modo que determina o character e as inclinações ^{/propensões\}, essa qualidade, por tal ser, denota que é uma fixação da hereditariedade, embora por variação, e que porisso em tudo se assemelha - mais, se identifica - a um ^{/ao\} ~~into~~ instincto.

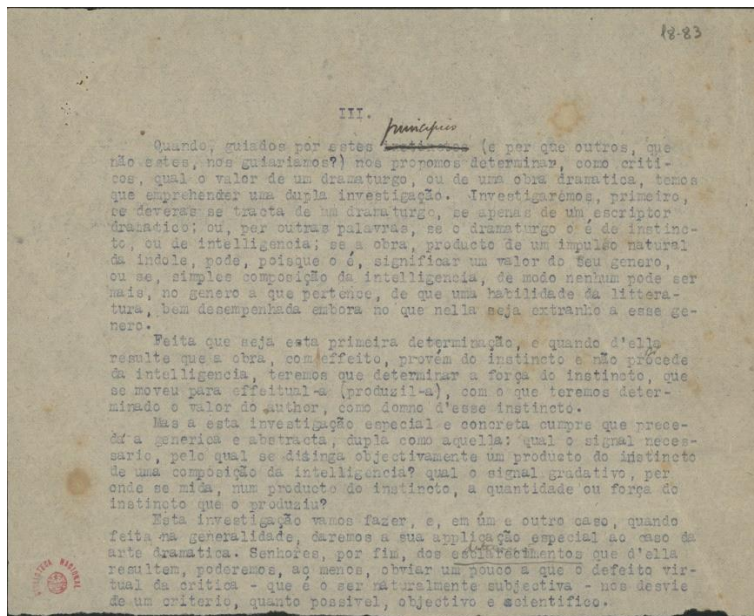
Como os trez instinctos do dramaturgo, além do que seja commum a todos os instinctos, teem de proprio, vista a sua applicação, o seu uso necessario da intelligencia, com exactidão ~~lhes~~ poderemos chamar instinctos intellectuaes. Com o emprego d'este termo

BNP/E3, 18 - 82v



Transcrição

não esqueceremos, nem que são instinctos, para que constantemente oppunhamos a sua operação á operação da intelligencia, quando a mova só a vontade consciente; nem que são intellectuaes, para que, quando essa opposição se faça, se não esqueça que é a substancia da qualidade operante, e não o meio per que opera, o por onde ella se distingue da intelligencia.



III.

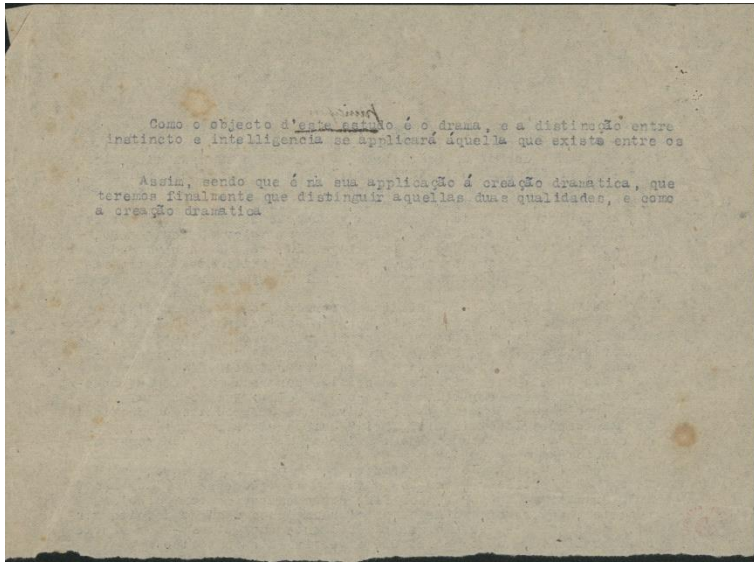
Quando, guiados por estes ~~instinctos~~ ^{principios} principios (e per que outros, que não estes, nos guiaríamos?), nos propomos determinar, como criticos, qual o valor de um dramaturgo ou de uma obra dramatica, temos que emprehender uma dupla investigação. Investigaremos, primeiro, se deveras se tracta de um dramaturgo, se apenas de um escriptor dramatico; ou, per outras palavras, se o dramaturgo o é de instincto, ou de intelligencia; se a obra, producto de um impulso natural da indole, pode, poisque o é, significar um valor do seu genero, ou se, simples composição da intelligencia, de modo nenhum pode ser mais no genero a que pertence, de que uma habilidade da litteratura, bem desempenhada embora no que nella seja extranho a esse genero.

Feita que seja esta primeira determinação, e quando d'ella resulte que a obra, com effeito, provém do instincto e não procede ^{/só\} da intelligencia, teremos que determinar a força do instincto, que se moveu para effectual-a ^{/(produzil-a)\}, com o que teremos determinado o valor do author, como domno d'esse instincto.

Mas a esta investigação especial e concreta cumpre que preceda a generica e abstracta, dupla como aquella: qual o signal necessario, pelo qual se distinga objectivamente um producto do instincto de uma composição da intelligencia? qual o signal gradativo, per onde se mida, num producto do instincto, a quantidade ou força do instincto que o produziu?

Esta investigação vamos fazer, e, em um e outro caso, quando feita na generalidade, daremos a sua applicação especial ao caso da arte dramatica. Senhores, por fim, dos ~~esclarecimentos~~ ^{/determinações\} que d'ella resultem, poderemos, ao menos, obviar um pouco a que o defeito virtual da critica - que é o ser naturalmente subjectiva - nos desvie de um criterio, quanto possivel, objectivo e scientifico.

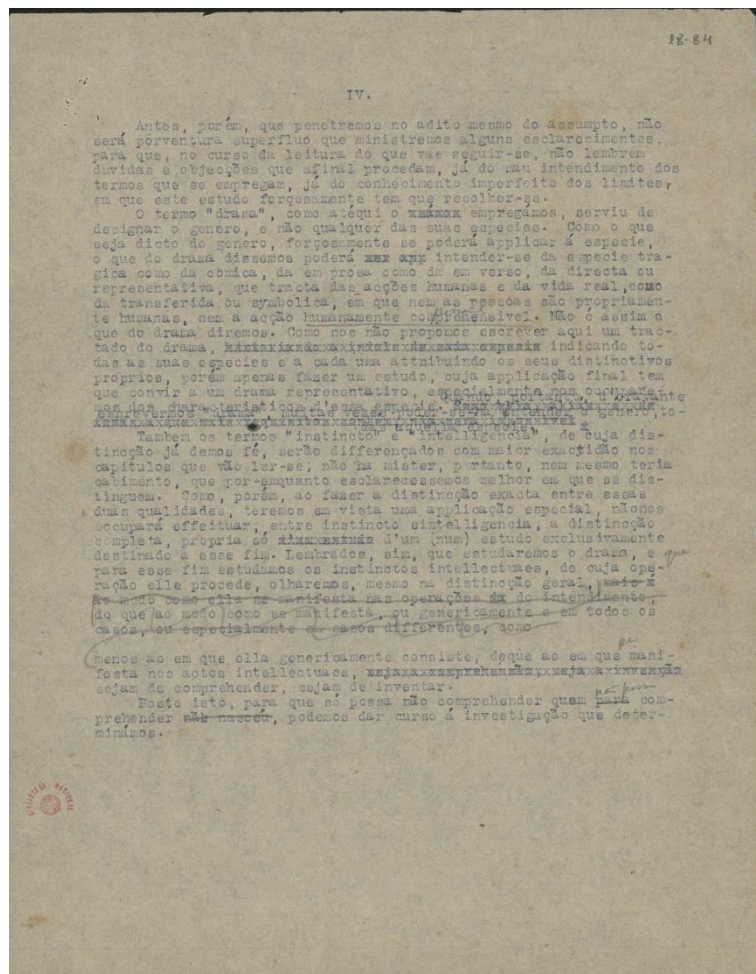
BNP/E3, 18 - 83v



Transcrição

Como o objecto d'este estudo é o drama, e a distincção entre instincto e intelligencia se applicará áquella que existe entre os {...}

Assim, sendo que é na sua applicação á criação dramática, que teremos finalmente que distinguir aquellas duas qualidades, e como a criação dramática {...}



IV.

Antes, porém, que penetremos no adito mesmo do assumpto, não será porventura superfluo que ministremos alguns esclarecimentos, para que, no curso da leitura do que vae seguir-se, não lembrem duvidas e objecções que afinal procedam, já do mau intendmento dos termos que se empregam, já do conhecimento imperfeito dos limites, em que este estudo forçosamente tem que recolher-se.

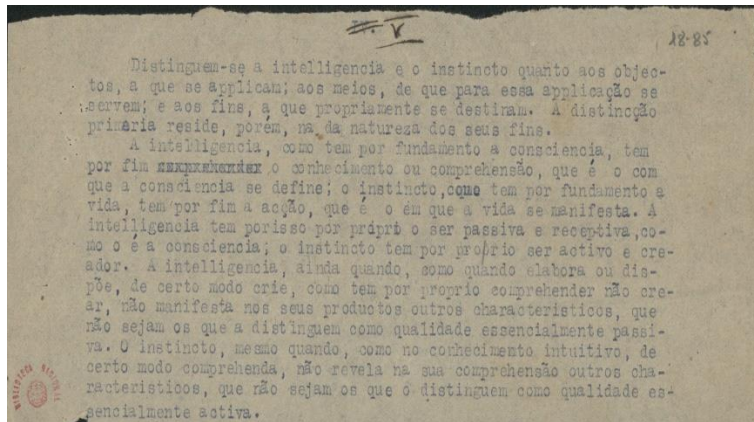
O termo "drama", como até aqui o ~~usamos~~ empregámos, serviu de designar o genero, e não qualquer das suas especies. Como o que seja dicto do genero, forçosamente se poderá applicar á especie, o que do drama dissemos poderá ~~ser app~~ intender-se da especie tragica como da comica, da em prosa como da em verso, da directa ou representativa, que tracta das acções humanas e da vida real, como da transferida ou symbolica, em que nem as pessoas são propriamente humanas, nem a acção humanamente comprehensivel. Não é assim o que do drama diremos. Como não nos propomos escrever aqui um tractado do drama, ~~historiando a indele de cada especie~~ indicando todas as suas especies e a cada uma attribuindo os seus distinctivos proprios, porém apenas fazer um estudo, cuja applicação final tem que convir a um drama representativo, especialmente nos occuparemos dos caracteristicos d'essa especie. ~~Como ella aliás é de todas a que mais requisitos contém, não será impossivel~~ Quando, portanto, d'oravante escrevermos "drama", muitas vezes poder-se-ha intender o genero, toda aquella especie.

Tambem os termos "instincto" e "intelligencia", de cuja distincção já demos fé, serão differenciados com maior exactidão nos capitulos que vão ler-se; não ha mister, portanto, nem teria cabimento, que por-emquanto esclarecessemos melhor em que se distinguem. Como, porém, ao fazer a distincção exacta entre essas duas qualidades, teremos em vista uma applicação especial, não nos occupará effectuar, entre instincto e intelligencia, a distincção completa, propria de ~~um estudo~~ d'um ^(num) estudo exclusivamente destinado a esse fim. Lembrados, sim, que estudaremos o drama, e que para esse fim estudamos os instinctos intellectuaes, de cuja operação elle procede, olharemos, mesmo na distincção geral, ~~mais á ao modo como ella se manifesta nas operações da do intendmento, do que ao modo como se manifesta, ou genericamente e em todos os casos, ou especialmente em casos differentes, como~~

menos ao em que ella genericamente consiste, de que ao que em que se manifesta nos actos intellectuaes, ~~seja a comprehensão, seja a invenção~~ sejam de comprehender, sejam de inventar.

Posto isto, para que só possa não comprehender quem ~~para~~ não possa comprehender ~~não nasceu~~, podemos dar curso á investigação que determinámos.

BNP/E3, 18 - 85^r

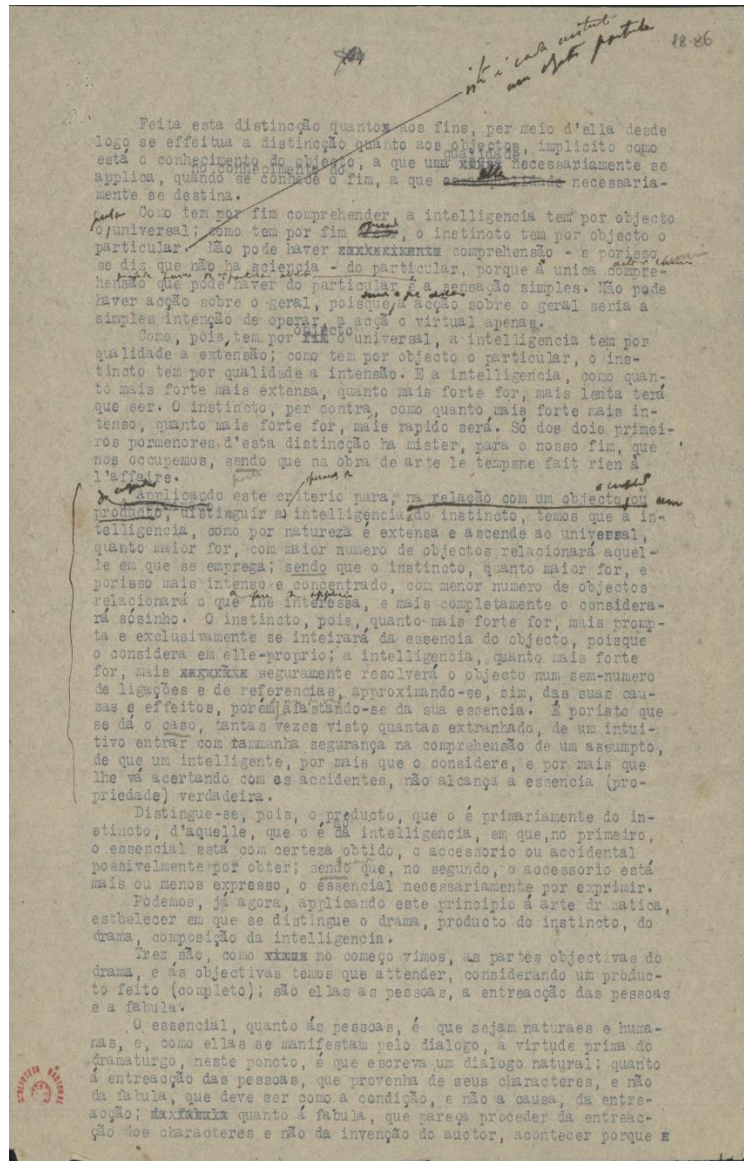


Transcrição

IV-V.

Distinguem-se a intelligencia e o instincto quanto aos objectos, a que se applicam; aos meios, de que para essa applicação se servem; e aos fins, a que propriamente se destinam. A distincção primaria reside, porém, na da natureza dos seus fins.

A intelligencia, como tem por fundamento a consciencia, tem por fim ~~compreender~~ o conhecimento ou comprehensão, que é o com que a consciencia se define; o instincto, como tem por fundamento a vida, tem por fim a acção, que é o em que a vida se manifesta. A intelligencia tem porisso por próprio o ser passiva e receptiva, como o é a consciencia; o instincto tem por próprio ser activo e creador. A intelligencia, ainda quando, como quando elabora ou dispõe, de certo modo cria, como tem por próprio comprehender não crear, não manifesta nos seus productos outros characteristics, que não sejam os que a distinguem como qualidade essencialmente passiva. O instincto, mesmo quando, como no conhecimento intuitivo, de certo modo comprehenda, não revela na sua comprehensão outros characteristics, que não sejam os que o distinguem como qualidade essencialmente activa.



Feita esta distincção quanto aos fins, per meio d'ella desde logo se effectua a distincção quanto aos objectos, implicito como está o conhecimento do objecto, a que ~~essa~~ qualidade necessariamente se applica, quando se conhece o ^{/no conhecimento do\} fim, a que ~~essa qualidade~~ ella necessariamente se destina.

Como tem por fim comprehender, a intelligencia tem por objecto o geral ou universal; como tem por fim ~~operar~~ operar, o instincto tem por objecto o particular isto é cada instincto um objecto particular. Não pode haver ~~conhecimento~~ comprehensão - e porisso se diz que não ha sciencia - do particular, porque a ^{/o\} unica comprehensão que pode haver do particular ^{/acto de consciencia, que pode haver do particular absoluto\} é a sensação simples. Não pode haver acção sobre o geral, poisque, sendo o geral abstracto, a acção sobre o geral seria a simples intenção de operar, a acção virtual apenas.

Como, pois, tem por fim objecto o universal, a intelligencia tem por qualidade a extensão; como tem por objecto o particular, o instincto tem por qualidade a intensão. E a intelligencia, como quanto mais forte mais extensa, quanto mais forte for, mais lenta terá que ser. O instincto, per contra, como quanto mais forte mais intenso, quanto mais forte for, mais rapido será. Só dos dois primeiros pormenores d'esta distincção ha mister, para o nosso fim, que nos occupemos, sendo ^{/posto\} que na obra de arte le temps ne fait rien à l'affaire.

Applicando este criterio para, na relação com um objecto a comprehender ou um producto ~~determinado~~ de comprehender, distinguir as operações da intelligencia e do instincto, temos que a intelligencia, como por natureza é extensa e ascende ao universal, quanto maior for, com maior numero de objectos relacionará aquelle em que se emprega; sendo que o instincto, quanto maior for, e porisso mais intenso e concentrado, com menor numero de objectos relacionará o que lhe interessa ^{/a que se applica\}, e mais completamente o considerará sósinho. O instincto, pois, quanto mais forte for, mais prompta e exclusivamente se inteirará da essencia do objecto, poisque o considera em elle proprio; a intelligencia, quanto mais forte for, mais ~~segura~~ seguramente resolverá o objecto num sem-numero de ligações e de referencias, approximando-se, sim, das suas causas e efeitos, porém ^{/os seus objectos\} afastando-se da sua essencia. É poristo que se dá o caso, tantas vezes visto quantas extranhado, de um intuitivo entrar com tammanha segurança na comprehensão de um assumpto, de que um intelligente, por mais que o considere, e por mais que lhe vá acertando com os accidentes, não alcança a essencia ^{/propriedade\} verdadeira.

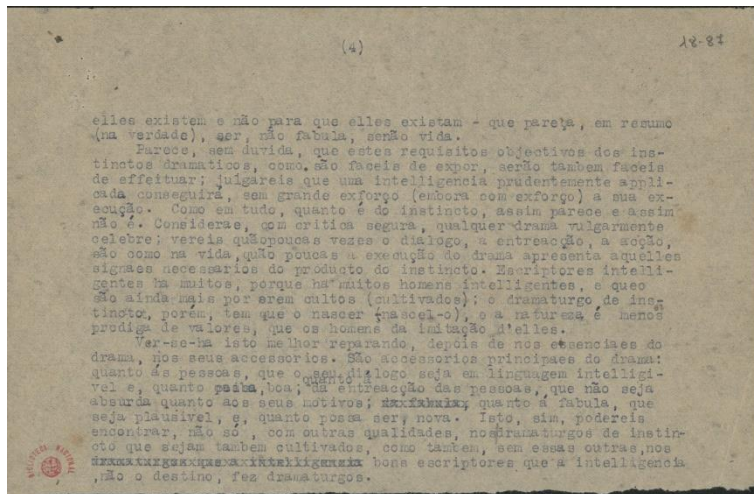
Distingue-se, pois, o producto, que o é primariamente do instincto, d'aquelle, que o é da ^{/só\} intelligencia, em que, no primeiro, o essencial está com certeza obtido, o accessorio ou accidental possivelmente por obter; sendo que ^{/quando\}, no segundo, o accessorio está mais ou menos expresso, o essencial necessariamente por exprimir.

Podemos, já agora, applicando este principio á arte dramatica, estabelecer em que se distingue o drama, producto do instincto, do drama, composição da intelligencia.

Trez são, como ~~vimos~~ no começo vimos, as partes objectivas do drama, e ás objectivas temos que attender, considerando um producto feito ^{/completo\}; são ellas as pessoas, a entreacção das pessoas e a fabula.

O essencial, quanto ás pessoas, é que sejam naturaes e humanas, e, como ellas se manifestam pelo dialogo, a virtude prima do dramaturgo neste ponto, é que escreva um dialogo natural; quanto á entreacção das pessoas, que provenha de seus caracteres, e não da fabula, que deve ser como a condição, e não a causa, da entreacção; ~~da fabula~~ quanto á fabula, que pareça proceder da entreacção dos caracteres e não da invenção do auctor, acontecer porque

BNP/E3, 18 - 87^r



Transcrição

elles existem e não para que elles existam - que pareça, em resumo / (na verdade) \, ser, não fabula, senão vida.

Parece, sem duvida, que estes requisitos objectivos dos instinctos dramaticos, como são facéis de expor, serão também facéis de effectuar; julgareis que uma intelligencia prudentemente applicada conseguirá, sem grande esforço / (embora com esforço) \ a sua execução. Como em tudo, quanto é do instincto, assim parece e assim não é. Considerae, com critica segura, qualquer drama vulgarmente celebre; vereis quão poucas vezes o dialogo, a entreacção, a acção, são como a vida, quão poucas a execução do drama apresenta aquelles signaes necessarios do producto do instincto. Escriptores intelligentes ha muitos, porque ha muitos homens intelligentes, e que o são ainda mais por serem cultos / (cultivados) \; o dramaturgo de instincto, porém, tem que o nascer / (nascel-o) \, e a natureza é menos prodiga de valores, que os homens de imitação d'elles.

Ver-se-ha isto melhor reparando, depois de nos essenciaes do drama, nos seus accessorios. São accessorios principaes do drama: quanto ás pessoas, que o seu dialogo seja em linguagem intelligivel e, quanto caiba, boa; quanto á entreacção das pessoas, que não seja absurda quanto aos seus motivos; ~~da fabula~~, quanto á fabula, que seja plausivel, e, quanto possa ser, nova. Isto, sim, podereis encontrar, não só, com outras qualidades, nos dramaturgos de instincto que sejam também cultivados, como também, sem essas outras, nos ~~dramaturgos~~ ^{bons escriptores} que a intelligencia, não o destino, fez dramaturgos.

VI.

Provado que um dramaturgo o é de instincto, não está com isso provado que elle tenha valor algum como dramaturgo, senão apenas que pode tel-o. O ser de instincto é a condição do valor, não o valor mesmo. Determinados já, portanto, os signaes necessarios, pelos quaes se conheça, de-prompto, o ~~dramaturgo~~ producto do instincto, olharemos agora a descobrir qual possa ser o criterio seguro, pelo qual, no ~~dramaturgo~~ producto de instincto, se distinga o maior do menor, se determine, de um instincto e porisso de seu domno, quanto vale e porque o vale. Servir-nos-ha de guia, para esse descobrimento, a distincção, que falta fazer, ~~entre~~ quanto á intelligencia e ao instincto; é ella a distincção que entre elles ha quanto aos meios, de que se servem.

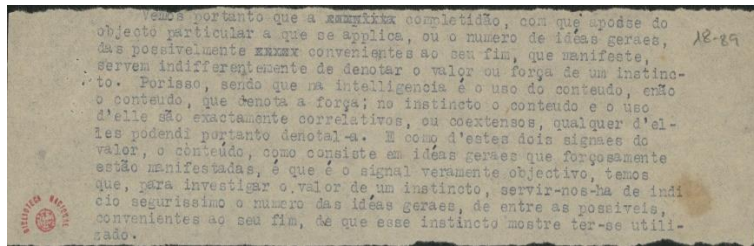
A intelligencia, como tem por objecto o universal ou geral, tem necessariamente por meio o particular; como alcançaria ella o universal, senão partindo do particular, que tira da sensação, em que ~~se apoia~~ ella se apoia, e que só do particular tem conhecimento? O instincto, como tem por objecto o particular, tem forçosamente por meio o geral, pois como procuraria elle o particular, se não se guiasse pelo geral, que tira da intelligencia, per quem se manifesta, e que só no geral tem applicação?

Como, pois, tem por meio o particular e por natureza a extensão, a intelligencia alimenta-se com quanto de particular a alargue, a augmente, a desinvolve, faça com que ella com maior facilidade possa generalizar - idéas particulares, factos concretos, sensações definidas, com que a memoria se enche e o raciocinio se instrue. Como, per contra, tem por meio o geral e por qualidade a intensão, o instincto alimenta-se com quanto o concentre, o mantenha, o defina, faça com que elle com maior exactidão opere - não factos, mas resultados; não sensações, porém estimulos; não idéas particulares, senão geraes.

Como a intelligencia tem por ~~qualidade e tensão~~ objecto o universal ou geral e a extensão por qualidade, o seu valor ou força residirá na amplidão com que generalize; como, porém, tem a propriedade de ser passiva e de receber todos os factos ou idéas particulares que a diversa sensação lhe entregue, e como nem todos elles convirão ás generalizações que haja de fazer, segue que não ha entre o em que consiste a sua força e o em que consiste a sua experiência uma correlação perfeita, sendo que, não os factos particulares que recebe, porém o uso que d'elles faz, é que denota essa força.

Do instincto, como tem por objecto o particular e por qualidade a intensão, o valor consiste na completidão com que se apossa, no objecto particular para que tende, da essencia d'elle, que é o que o denota como particular. Como a essencia do objecto, limitada por natureza, necessariamente se define per meio, quanto muito, de um pequeno numero de idéas geraes, elle tão completamente se apossará do ~~assumpto~~ objecto quanto mais completamente esteja possuidor de todas as idéas geraes possiveis, que especialmente convenham ao fim de definir a propriedade d'esse objecto. E como é por natureza activo, e portanto procura, e não recebe, a experiencia, o numero de idéas geraes, convenientes ao seu fim, que haja aprendido, dependerá da sua força, poisque da força com que houver tendido para esse fim e portanto procurado os meios para conseguil-o.

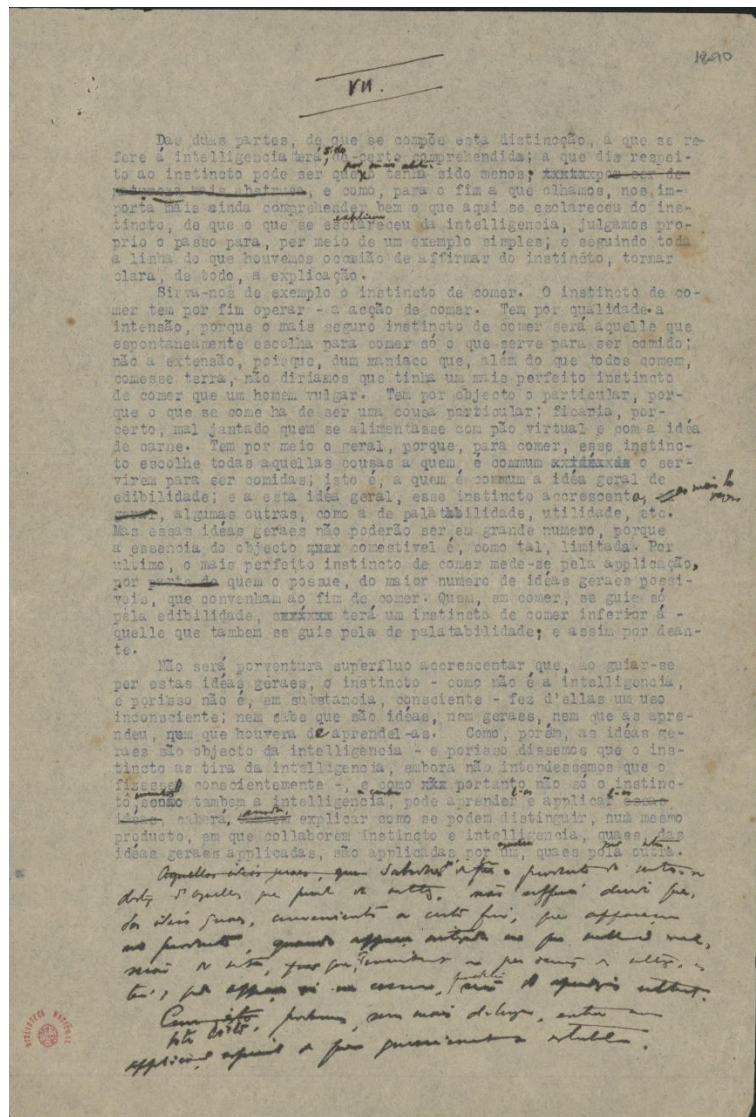
BNP/E3, 18 - 89^r



Transcrição

Vemos portanto que a ~~completa~~ completidão, com que aposse do objecto particular a que se applica, ou o numero de idéas geraes, das possivelmente ~~conev~~ convenientes ao seu fim, que manifeste, servem indifferentemente de denotar o valor ou força de um instincto. Porisso, sendo que na intelligencia é o uso do conteudo, e não o conteudo, que denota a força; no instincto o conteudo e o uso d'elle são exactamente correlativos, ou coextensos, qualquer d'elles podendo portanto denotal-a. E, como d'estes dois signaes do valor, o conteúdo, como consiste em idéas geraes que forçosamente estão manifestadas, é que é o signal veramente objectivo, temos que, para investigar o valor de um instincto, servir-nos-ha de indicio segurissimo o numero das idéas geraes, de entre as possiveis, convenientes ao seu fim, de que esse instincto mostre ter-se utilizado.

BNP/E3, 18 - 90r



Transcrição

[90r]

VII.

Das duas partes, de que se compõe esta distincção, a que diz respeito á intelligencia terá sido de-certo comprehendida; a que diz respeito ao instincto pode ser que por mais abstrusa o tenha sido menos; ~~tanto por ser de natureza mais abstrusa~~ e como, para o fim a que olhamos, nos importa mais ainda comprehender bem o que aqui se esclareceu do instincto, de que o que se esclareceu ^{/explicou\} da intelligencia, julgamos proprio o passo para, per meio de um exemplo simples; e seguindo toda a linha do que houvesmos occasião de affirmar do instincto, tornar clara, de todo, a explicação.

Sirva-nos de exemplo o instincto de comer. O instincto de comer tem por fim operar - a acção de comer. Tem por qualidade a intensão, porque o mais seguro instincto de comer será aquelle que espontaneamente escolha para comer só o que serve para ser comido; não a extensão, poisque, dum maniaco que, além do que todos comem, comesse terra, não diríamos que tinha um mais perfeito instincto de comer que um homem vulgar. Tem por objecto o particular, porque o que se come ha de ser uma cousa particular; ficaria, porcerto, mal jantado quem se alimentasse com pão virtual e com a idéa de carne. Tem por meio o geral, porque, para comer, esse instincto escolhe todas aquellas cousas a quem é commum ~~a idéa de~~ o servirem para ser comidas; isto é, a quem é commum a idéa geral de edibilidade; e a esta idéa geral, esse instincto accrescenta, ~~em geral~~ as mais das vezes, algumas outras, como a de palatabilidade, utilidade, etc. Mas essas idéas geraes não poderão ser em grande numero, porque a essencia do objecto ~~que~~ comestivel é, como tal, limitada. Por ultimo, o mais perfeito instincto de comer mede-se pela applicação, por ~~parte de~~ quem o possui, do maior numero de idéas geraes possiveis, que convenham ao fim de comer. Quem, em comer, se guie só pela edibilidade, ~~será um~~ terá um instincto de comer inferior áquelle que também se guie pela palatabilidade; e assim por deante.

Não será porventura superfluo accrescentar que, ao guiar-se per estas idéas geraes, o instincto - como não é a intelligencia, e porisso não é, em substancia, consciente - fez d'ellas um uso inconsciente; nem sabe que são idéas, nem geraes, nem que as aprendeu, nem que houvera de aprendel-as. Como, porém, as idéas geraes são objecto da intelligencia - e porisso dissemos que o instincto as tira da intelligencia, embora não intendessemos que o fizesse conscientemente -, e como ~~não~~ portanto não só o instincto e inconsciente, senão também a intelligencia e consciente, pode aprender ^{/1-as\} e applicar ^{/1-as\} ~~essas idéas~~, caberá, ~~tambem~~ ainda, explicar como se podem distinguir, num mesmo producto em que collaborem instincto e intelligencia, quaes, das idéas geraes applicadas, são applicadas, por um ^{/aquella\}, quaes pola outra ^{/por outra\}.

Aquellas idéas geraes que Sabedores já de ~~que~~ como o producto do instincto se distingue d'aquelle que procede da intelligencia, não soffrerá duvida que, das idéas geraes, convenientes a certo fim, que appareçam no producto, quando appareçam integradas no que essencialmente seu, serão do instincto, ~~que~~ que, ou essencialmente no que accessorio da intelligencia, as terá, quando appareçam ~~só~~ como accessorio, serão ^{/producto\} do acessorio intellectual.

Com isto Isto dicto, poderemos, sem mais delongas, entrar na applicação especial do que genericamente se estabeleceu.

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](#).